



A CERTIDÃO DE NASCIMENTO DO CLUBE MILITAR - ATA N.º 1

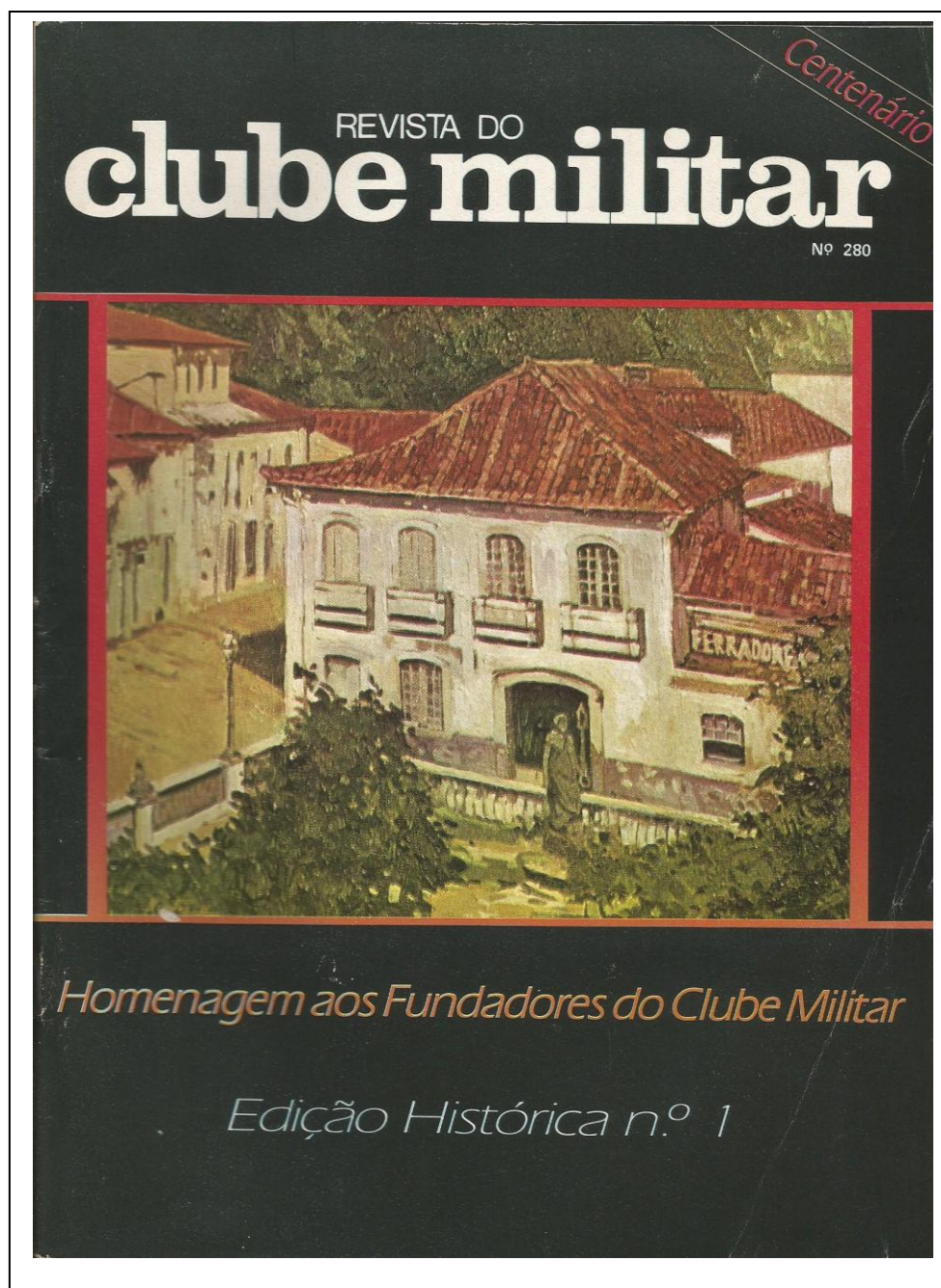


Cel Claudio Moreira Bento

Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia e da Academia Militar das Agulhas Negras. Presidente e Fundador da (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971-1974. O autor e Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia. declarado em 15 de fevereiro de 1955 Turma Aspirante Mega. Foi instrutor de História Militar na AMAN em 1978-1980. Fundou e preside desde 1º de Março de 1996 a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) desde então acolhida pela AMAN em suas instalações. Natural de Canguçu onde nasceu em 19 de outubro de 1931, entre as

revoluções de 30 e 32 que empolgaram Canguçu. Estudou no Colegio N.S Aparecida 1938-1944, durante periodo que concidiu com a 2ª Guerra Mundial.

Esta trabalho foi digitalizado da Revista do Clube Militar nº 280 ,pare ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB , doado a AMAN em Boletim Interno para ser integrado ao Projeto Pérgamo de Bibliotecas do Exército



Capa da edição histórica do Centenário do Clube Militar que resgatou a sua História por uma equipes de historiadores civis e militares,inclusive do Gen Jonas Correia, que fora o coordenador da Revista do cinquentenário do Clube

A Certidão de Nascimento do Clube Militar - Ata n.º 1

A localização da Ata de Fundação do Clube revelou em seu teor o Gen Severiano da Fonseca, o Cel Ernesto Augusto da Cunha Mattos, o Ten Cel Carlos Frederico Rocha, o Maj Inocêncio Serzedelo Correia, o 1º Ten da Armada Benjamin Ribeiro de Mello e o 2º Ten Honório de Souza Lima atuando com destaque na Assembleia de Fundação do Clube. O Gen Severiano da Fonseca, irmão do 1º presidente do Clube e atual Patrono do nosso Serviço de Saúde, acaba de ser focalizado em número especial da Revista do Exército. O Maj Serzedelo Correia é focalizado neste número pelo prof. Vicente Tapajós. O Ten Benjamin de Mello, pelo CMG Willy Cozza. Resta, por um dever de justiça, focalizarmos a seguir o Cel Cunha Mattos, o Ten Cel Carlos Frederico Rocha e o 2º Ten Honório de Souza Lima.

Cel Ernesto Augusto da Cunha Mattos. Nasceu em 23 dez 1843 no Rio. Assentou praça em 02 mai 1857. Coursou Artilharia na Escola Militar da Praia Vermelha. Em 1861 foi servir no Regimento de Mallet, em São Gabriel. Com ele fez a Campanha do Uruguai. Nela, em Paissandu, foi promovido a capitão por "**bravura**" por haver se portado "**com bravura e perícia comandando duas peças em combate de rua**". No comando da 2ª Bia do Regimento de Mallet, tomou parte na invasão do Paraguai e combateu na 1ª batalha de Tuiuti, de 24 mai 1867, **com distinção e bravura**. Comissionado major, assumiu o comando do 4º Btl Art a pé do 2º Corpo do Exército. Unidade que foi atacada em 3 nov 1867, na 2ª batalha de Tuiuti, ocasião em que os paraguaios levaram um canhão Withworth cal 32 e aprisionaram o Maj Cunha Mattos. Ele só foi libertado um ano após, em 27 mar 1868, quando apresentou-se a Caxias, em Lomas Valentinas, em plena Dezembroada, que pôs fim à capacidade defensiva tática adversária. Foi-lhe dado o comando do 12º BI, à frente do qual entrou em Assunção, em 29 abr 1869, para, a seguir, tomar parte destacada na Campanha da Cordilheira até o epílogo da guerra em Cerro Corá, em 1º mar 1870. Foi elogiado pelo Comando-em-Chefe Brasileiro, por sua atuação no combate de Barracuê:

"Por perícia e irresistível valor em combate, confirmando mais uma vez a fama de bravo que desfruta no Exército".

Foi recomendado pelo Gen Câmara "**pelos serviços relevantes que com atividade e inteligência sempre prestou e por serem eles dignos do maior apreço**".

Aqui teve início a ligação Câmara-Cunha Mattos, que continuaria na paz, na guarnição de Porto Alegre, e depois no Rio, quando Cunha Mattos foi oficial de gabinete do ministro da Guerra, o Mal Câmara. Mais tarde, esta amizade foi evidenciada na Questão Militar, quando, no Senado, Câmara

defendeu Cunha Mattos da punição injusta que sofreu, quando defendia sua honra, punição esta que terminou por ser cancelada.

Em 22 mar 1872, Cunha Mattos foi absolvido pelo Supremo Conselho Militar de Justiça de processo que ele mesmo requereu para justificar-se de seu aprisionamento, na 2ª batalha de Tuiuti.

A absolvição declarou que sua prisão **"não foi por surpresa, covardia e imperícia e que ela só ocorreu depois de haver se. defendido de todos os meios possíveis"**.

De 1873-79 serviu na Comissão de Engenheiros do RGS. Em Livramento, construiu uma ponte que separava a localidade do 4ºRC Ligeira, no cerro do Depósito, concorrendo com a metade da despesa. Construiu a linha telegráfica Livramento-Rosário. No início dessa nova Comissão, casou com a rio-grandense Carlinda Barreto Pinto, de tradicional família local, de cujo consórcio nasceram Maria da Glória, Maria José, Marieta e Ernesto (1-884). O último nasceu às vésperas de sua promoção a coronel por merecimento.

Em 1880 foi eleito deputado à Assembleia do RGS, vindo na ocasião para o Rio para chefiar o Depósito de Aprendizes de Artilharia e a integrar o gabinete do ministro da Guerra, Marechal Câmara. Com este voltou ao Sul, para chefiar a Comissão de Engenheiros do RGS, que adaptou o velho Casarão da Redenção para a Escola Militar, então ao comando do Cel José Simeão de Oliveira, o 1º secretário do Cube Militar. (Personagem que abordamos nesta Revista e disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org. bem como o Clube na Abolição da Escravatura).

Em 1883, no Rio, assumiu a direção da Fábrica de Estrela. Em 1885, foi designado inspetor dos Corpos e Fortificações do Norte, do Ceará ao Amazonas. Aí foi envolvido na Questão Militar e, ao defender sua honra pela imprensa, foi detido por 48 horas, ocasião em que o Mal Câmara saiu em sua defesa no Senado, do que resultou o cancelamento da punição, dez dias depois, em 13 mar 1887, às vésperas da fundação do Clube Militar.

O cancelamento de sua punição e a de Sena Madureira decorreu de **Manifesto ao Parlamento e à Nação**, assinado pelos Marechais Câmara e Deodoro, e redigido pelo grande brasileiro Ruy Barbosa, e cujo teor parcial vale transcrever:

"Sob tais teorias jurídicas, não há Exército e nem pode haver Pátria: porque a primeira condição de Pátria é o pundonor dos defensores profissionais de sua honra.

O que se agita, portanto, não é uma questão de classe: o aviltamento do Exército envolveria a Sociedade e daria uma triste medida do caráter nacional.

Não é também veleidade de predomínio militar o que nos move: a consciência pública tem certeza de que o Exército Brasileiro é a mais estável segurança da paz, da legalidade, da organização civil do Estado.

Seja qual for a posição que as circunstâncias nos levam, a segurança individual, a tranquilidade pública, as instituições constitucionais, as tradições livres da Nação encontraram sempre no Exército um baluarte inexpugnável e em cada peito de soldado uma alma de cidadão. Mas a jurisprudência do Governo exclui da lei o Exército e dessa proscricção intolerável, porque envolve a nossa vergonha, força é que haja recurso. Para onde?"

A resposta veio na forma da fundação do Clube Militar, Abolição e Proclamação da República.

De 1888-89, atuou na construção de linhas telegráficas no RGS e no Mato Grosso. Neste último, que governou em 1889-90, atuou na construção da linha telegráfica Uberaba-Cuiabá. Foi graduado general em 4 out 1890 e reformado a seguir. O ministro da Guerra, em 16 out 1890, agradeceu-lhe o anteprojeto de Regulamento para uma Escola de Sargentos. Esta é, em síntese, o balizamento da vida e obra deste bravo, honrado e distinto soldado para um estudo que se impõe, com o apoio no que foi possível extrair e concluir de sua Fé- de- Ofício no Arquivo Histórico do Exército, a Casa da Memória Histórica do Exército Brasileiro, que então éramos o seu Diretor.

Ten Cel Carlos Frederico Rocha (1833-1901). Convidado para integrar a mesa da Fundação do Clube Militar, no domingo, 26 jun 1887, em que todos compareceram à paisana, em roupas domingueiras, tomou assento na mesma o Ten Cel de Infantaria Carlos Frederico Rocha, que atingiu, ao reformar-se, o posto de marechal. De estudos cruzados que realizamos em várias fontes e inclusive em sua Fé- de- Ofício, no Arquivo Histórico do Exército, conclui-se: era filho do Brig José Joaquim Rocha, que lutou na Batalha de Catalan, em 1816, e irmão do mais tarde Brig Justiniano Sabino da Rocha, que se destacou na Cavalaria, na Guerra do Paraguai, onde foi promovido a major, por bravura, no comando do 1º RCL. Pesquisas levadas a efeito nas unidades que comandou e através do Boletim Mensal do Clube Militar não localizaram foto e descendentes do Ten Cel Rocha — secretário da reunião de fundação do Clube Militar.

ºNa paz, de 1871-80, Salustiano, como coronel, comandou o 1º RCG, atual Dragões da Independência. Presume-se que era muito ligado ao Mal Câmara.

Carlos Frederico fez toda a sua carreira em torno do 1º BI — atual Sampaio, que comandou. Passou por inúmeras unidades de Infantaria, como o 3º e o 1º, 3º, 5º BI da Divisão Encouraçada, ao comando de Sampaio. Não cursou a Praia Vermelha. Fez sua carreira de soldado a general- de- Divisão na Ativa, na forma camoniana "**vendo, tratando e pelejando**". Filho de militar, nasceu em 1833, acidentalmente em São Paulo, como o seu irmão Salustiano nasceu em Montevidéu. Casou aos 38 anos com Maria Monteiro da Luz Evangelista, de cujo consórcio nasceram Leonor (21 ago 73); Alsina (2 , dez 77); Algenor (28 jan 80); Eulina (16 out 81); Carlos (1 dez 83) e Frederico (14 jan 94). Exerceu funções de ajudante- de- ordens em Minas Gerais e

Maranhão (1855-56). Coursou Infantaria em 1857, aos 24 anos. Em 1858 expedicionou com o atual Sampaio em Montevidéu. Esteve na Bahia, Minas Gerais e Paraná como tenente. Em 1864, ainda no Sampaio, assistiu à capitulação de Montevidéu. Durante a Guerra da Tríplice Aliança, participou da invasão do Paraguai como comandante da 6ª /6º BI, tendo combatido em Estero Bellaco e Tuiuti. Capitão em 1867, comandante do 6ª/1º BI, ainda na Divisão Encouraçada, combateu em Estabelecimento, Passo Pocu e Espinilho, Tebiquary, Suruby e Itororó. Neste dia, como capitão, assumiu o comando do 13º BI, que comandou em Avaí, onde foi comissionado major por distinção, bem como em Lomas Valentinas, onde foi contundido. Voltou a fiscalizar o 1º BI e a responder pelo comando do 4º BI (da Encouraçada) tendo a sua frente assistido à rendição de Angostura. Tomou parte da Campanha da Cordilheira, com base na Vila Rosário, como fiscal (subcmt) do 1º BI (Sampaio) em Niterói. Foi efetivado major, por merecimento, em 13 set 1871. Recém-casado, serviu seis meses em Assunção, como fiscal (subcmt) do 10º BI. Em 8 nov 1884 foi promovido a tenente-coronel e autorizado a usar espada de honra, oferta de seus oficiais do 10º BI (atual 2 de Ouro). Durante cerca de oito anos vinha se alternando no comando e fiscalização (subcmt) do Sampaio e 2 de Ouro atuais.

Em 8 jul 1885 assumiu o comando do 17º BI em Rio Grande-RS, cujo comando da Fronteira do Rio Grande, ali sediado, vinha sendo exercido por seu irmão, Brig Salustiano, desde 30 mar 1880, e, à testa do qual este faleceu sete anos depois, em 5 mai 1887, quando fazia cerca de mês e meio que havia deixado o Sul para comandar o 11º BI no Rio, depois de lá permanecer por cerca de vinte meses.

Por certo, através do irmão, travou conhecimento com diversas personalidades que serviam no Sul, como Câmara, Deodoro, José Simeão, Cunha Mattos, e Sena Madureira, que pouco depois tiveram ação decisiva na criação do Clube Militar, ato que lhe coube secretariar, na ocasião em que se encontrava em comissão. Carlos Frederico já era então um experimentado chefe de Infantaria e com idade somente inferior à de Deodoro. Era 5 anos mais velho que Câmara. Daí, pensamos o carinho e respeito com que este formulou o convite ao valoroso infante, cujo pai havia sido companheiro de seu tio Bento, na guerra contra Artigas em 1816.

Em 23 jan 1889, aos 56 anos, foi promovido a coronel. Neste posto, comandou, pela vez derradeira, a unidade do seu coração - o 1º BI (Sampaio).

Na Proclamação da República estava fora do Rio. Em 4 jan 1890 é o Quartel-Mestre general do Exército (Logística), na qual continua como general-de-divisão. Foi reformado como marechal em 27 abr 1894, depois de 45 longos sofridos anos. Faleceu em 29 jan 1904, com 68 anos, deixando seu último filho, Frederico, com sete anos. Estes são os dados que balizam a vida e a obra deste distinto soldado da Infantaria, ao tempo em que o 1º BI e 10º BI aquartelavam no atual Palácio Duque de Caxias.

2º Ten Honório de Souza Lima. Foi quem propôs efetivamente, na Assembleia Fundadora do Clube Militar, o nome do Mal Deodoro para presidente do Clube, gesto do qual decorreu a aclamação do mesmo, como presidente fundador da entidade.

Segundo dados colhidos no Arquivo Histórico do Exército, o 2º Ten Honório nasceu em 13 set 1852, em Angra dos Reis. Em 13 jan 1867, em plena Guerra da Tríplice Aliança, sentou praça como voluntário da 2ª Cia de Alunos da Escola Militar da Praia Vermelha, com destino ao 2º Btl de Artilharia de Posição, e para frequentar o Curso Preparatório da citada escola.

Logo em seguida foi mandado para o Teatro da Guerra do Paraguai, como 2º cadete, conforme reconhecimento desta condição pela Ordem do Dia de nº 45, de jul 1867, da Escola Militar.

Participou do reconhecimento, aviva força, de Angostura. Atravessou o Chaco como integrante das forças de envolvimento da posição do Piquiciri, que desembarcaram no porto de Santo Antônio, no rio Paraguai.

Tomou parte nas operações da Dezembrada, que puseram fim à capacidade defensiva estratégica do adversário. Tudo no 4º Corpo de Artilharia a Cavalos. Em consequência, foi promovido a 2º tenente, *por ato de bravura*, conforme Ordem do Dia do marquês de Caxias, comandante-em-chefe do

Exército aliado, de nº 272, de 14 jan 1869, em decorrência, principalmente, de ferimento em combate, em 21 dez 1868, em Lomas Valentinas.

Tomou parte da tropa de ocupação de Assunção, sendo elogiado pelo comandante brasileiro daquela guarnição "***pela inteligência e atividade com que se houve comandando um piquete, quando prendeu 17 elementos que perturbavam a ordem pública altas horas da noite***".

Combateu na Campanha da Cordilheira, no 2º Corpo de Artilharia a Cavalos, tendo tomado parte dos combates do desfiladeiro de Sapucaia, em 5 ago, do assalto a Peribebeuí, em 12 ago e, finalmente, na batalha de Campo Grande, em 16 ago, tudo no ano de 1869. Nesta batalha, foi ferido pela segunda vez, baixando então ao Hospital de Sangue.

Em 21 mar 1870, em consequência de ferimentos em combate, foi transferido para a 2ª Classe do Exército. Por resolução imperial de 10 jul 1870 consultado o Conselho Supremo Militar, foi agregado à Arma de Artilharia, conforme Ordem do Dia da Repartição do Ajudante-General, de nº 1018.

Sua vida militar se encerrou 17 anos antes da histórica reunião de fundação do Clube Militar.

OS IRMÃOS SEVERIANO DA FONSECA - ESCLARECIMENTO

Era tradição que o Gen João Severiano da Fonseca houvera participado da fundação do Clube Militar. Da leitura da Ata ora revelada, aparece, porém,

duas vezes, o nome Severiano da Fonseca. A primeira vez como brigadeiro Severiano da Fonseca e a segunda vez como cirurgião-mor de Divisão Severiano da Fonseca. Uma análise mais demorada nos levou à conclusão de que dois Severiano da Fonseca registrados na Ata participaram da reunião. O primeiro era o Brig Severiano Martins da Fonseca, mais tarde barão de Alagoas, e o segundo, o seu irmão, então Ten Cel João Severiano da Fonseca. Assim, quatro irmãos, filhos da heroína Rosa da Fonseca, participaram da fundação do Clube Militar. Pela ordem de idade – 2º filho, Brig Severiano Martins da Fonseca; 3º filho, Mal-de-Campo Manoel Deodoro da Fonseca; 4º filho, Cel Hon. Pedro Paulino da Fonseca e o 7º filho, Ten Cel João Severiano da Fonseca, atual Patrono do Serviço de Saúde.

O Brig Severiano Martins e barão de Alagoas é retratado na **História do Exército Brasileiro (EME, 1972 2v)** à frente da Escola Militar da Praia Vermelha. Na Igreja Santa Cruz dos Militares existe óleo que o pereniza.

Walter Fonseca, na obra **Fonseças - uma família e uma história** -(São Paulo, 1982), pouco refere ao ilustre filho de Rosa da Fonseca, o que se impõe seja aqui referido, com apoio em sua Fé-de-Ofício no Arquivo Histórico do Exército.

Severiano Martins da Fonseca (1825-1885) Marechal-de-Campo e barão de Alagoas. Coursou Artilharia pela Escola Militar da Praia Vermelha (184148). Serviu na Bahia e em Pernambuco (1845-52). Como capitão, serviu nas fortalezas de Santa Cruz e São João, de 1856-64. Participou da Campanha do Uruguai, em 1865. Em jan 1866, como major, era fiscal do Regimento Mallet. Tomou parte da invasão comandando as 2ª,4ª e 3ª baterias do Regimento, tendo acampado junto ao forte Itapiru, à vista da ilha da Redenção. É credor de grande parte das glórias conquistadas pelo Regimento Mallet, no qual conquistou promoção a tenente-coronel, **por ato de bravura**, em 19 jun 1867. Comandou o Regimento Mallet, quando este integrou o 1º Corpo de Exército que acampou em Tuiuti. Como comandante do Regimento citado, participou do assalto a Estabelecimento, em 18 fev 1868, e do sítio de Humaitá, quando tomou parte no combate de 16 julho. Participou com seu Regimento das forças de fixação da linha do Piquiciri, em apoio à manobra envolvente pelo Chaco. De Angostura, deslocou-se até Assunção, onde penetrou, em 28 jan 1869, à frente ainda do Regimento Mallet atual (1º RA Art.).

Na Campanha da Cordilheira, tomou parte do assalto de Peribebeuí, em 12 ago 1869, e em outras ações no comando ainda do 1º Regimento.

Em 30 out 1869, conquistou o posto de coronel, **por ato de bravura**. Foi a segunda promoção nesta condição, sendo elogiado pelo Conde D'Eu, por sua atuação no mês de agosto.

Com a paz, passou a comandar, em 18 abr 1874, o 2º Regimento de Artilharia, tendo prestado valiosos serviços ao desenvolvimento da Doutrina da Artilharia e, em especial, da Artilharia de Montanha. Comandou as Armas da Paraíba (1874-

75), durante uma revolta sertaneja. Promovido a brigadeiro, em 27 jun 1877, comandou o Curso de Infantaria e Cavalaria em Porto Alegre e depois a Escola Militar da Praia Vermelha.

De 1880-87, no Rio de Janeiro, integrou o Conselho Supremo Militar, participando de comissões diversas de elaboração do Plano de Reorganização do Exército e dos regulamentos das escolas militares e de tiro de Campo Grande. Nesta situação, participou da fundação do Clube Militar. Foi promovido a marechal-de Campo, em 25 abr 1888, e agraciado com o título de barão de Alagoas, com grandeza, em 2 mar 1889. Faleceu 17 dias depois, sendo sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier, não vivendo para assistir o advento da República, ideal que não comungava.

Em verdade, foi o subcomandante do legendário Regimento Mallet, atualmente em Santa Maria, até a batalha de Tuiuti. A partir daí e até o final da guerra, subordinado à Brigada de Artilharia, ao comando do atual Patrono da Artilharia, comandou o 1º Regimento de Artilharia — atual Regimento Mallet, glória da Arma de Artilharia.

Está, pois, feita justiça a um dos mais ilustres fundadores do Clube Militar, até hoje confundido como sendo o seu ilustre irmão João Severiano da Fonseca, também fundador do Clube.

Sua foto está publicada junto com a de seus irmãos, na biografia do 1º presidente do Clube, neste número. ***"Ele era muito dedicado ao imperador e seria o único capaz de conter Deodoro a não proclamar a República"***, segundo a **História do Exército** (EME, 1972, v2,p. 677).

Cel Claudio Moreira Bento

Coordenador da presente edição histórica, Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no seu centenário, quando dirigia o Arquivo Histórico do Exército